

SESC
SÃO PAULO

MINISTÉRIO
DA CULTURA
SECRETARIA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS



apresentam

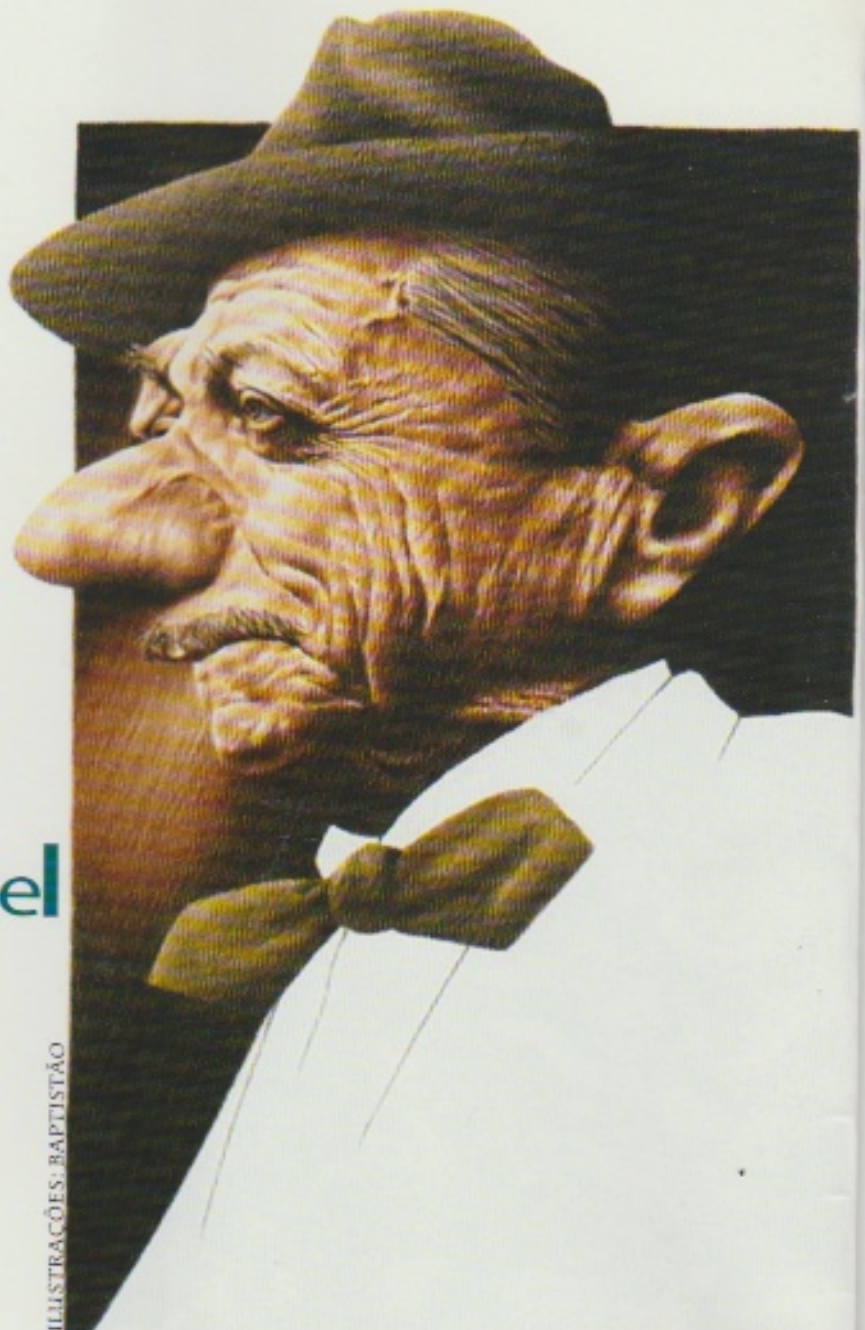
180
anos de
samba

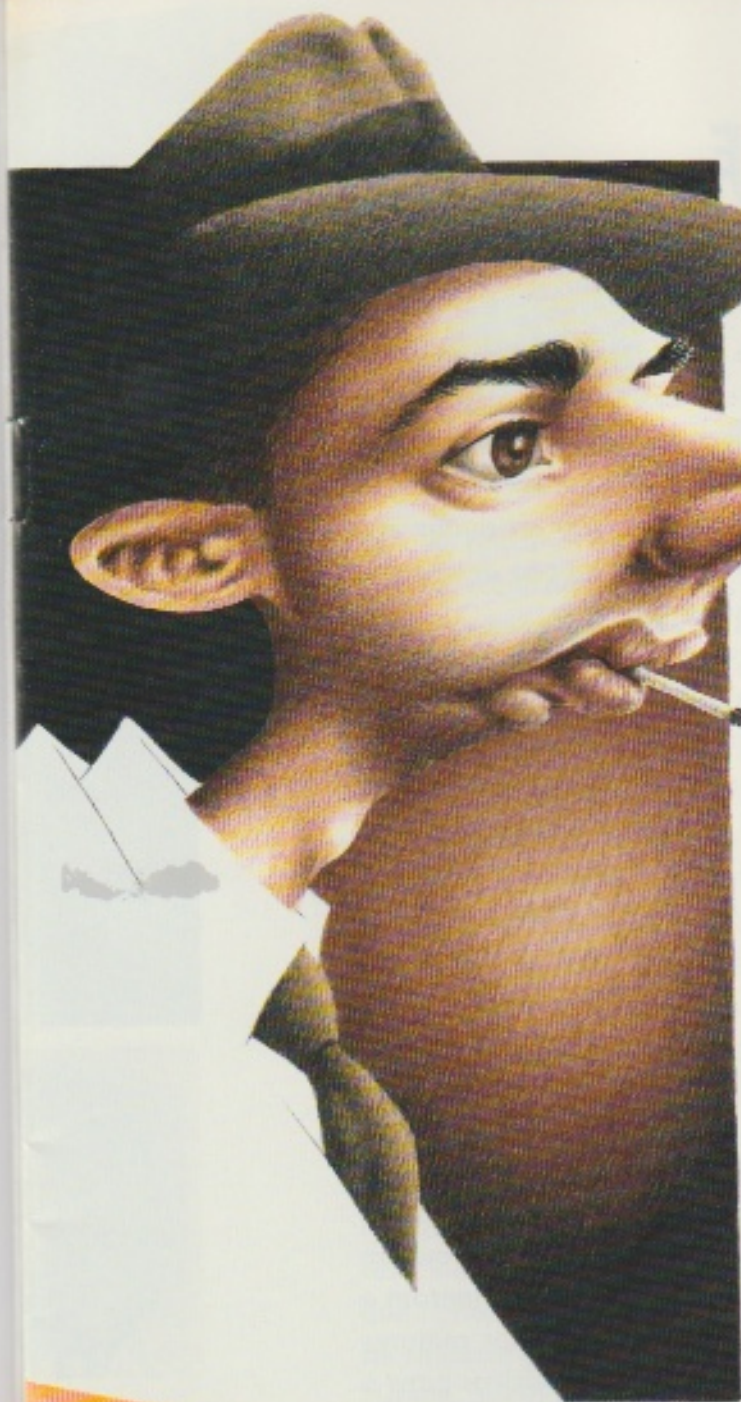
cantando
Adoniran
& Noel

Foras das bananas res...

180
anos de
samba
cantando
Adoniran & Noel

ILUSTRAÇÕES: BAPTISTÃO





com

MPB4

VÉSPER *Vocal*

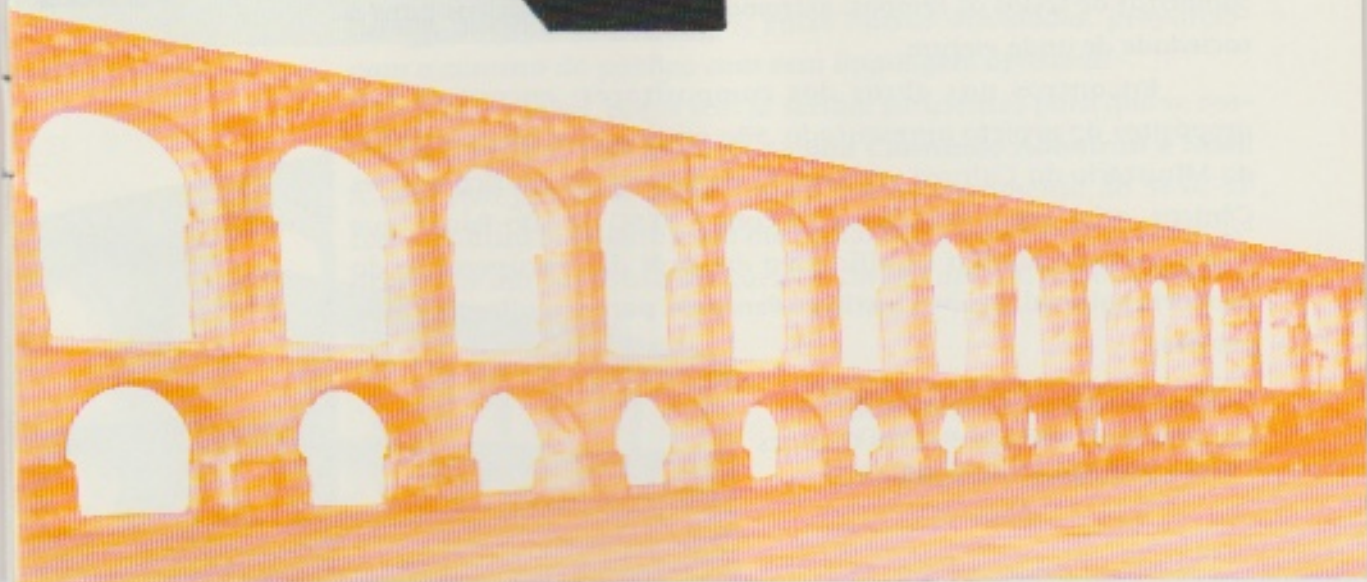
ROBERTO *Silva*

LUIZ *Tatit*

DIAS 3, 4 E 5

agosto/2001

**TEATRO SESC
VILA MARIANA**



ENCONTRO DE *riquezas* MUSICAIS

No ano em que o Ministério da Cultura promove uma homenagem ao samba como uma das expressões mais consagradas da contribuição africana à formação da cultura brasileira, na forma de um espetáculo musical que será apresentado durante a entrega da Ordem do Mérito Cultural, achamos oportuno estimular este projeto que aproxima e revela a imensa contribuição destes dois grandes mestres da nossa música popular.

O encontro das obras de Adoniran Barbosa e Noel Rosa num mesmo palco possuem muito mais pontos de encontro do que a coincidência relativa ao ano de nascimento dos dois artistas (1910). Ambos escolhem como temática os seus lugares queridos, que são a Vila Isabel (Rio de Janeiro), para Noel e o Bixiga (São Paulo), para Adoniran, além, é claro, do gênero musical: o samba. Outro dado de grande interesse diz respeito ao início da carreira de Adoniran. Ele começa como cantor no Programa de Calouros de Paraguaçu (Roque Ricciardi), na Rádio Cruzeiro do Sul. No final de 1933, João Rubinato, o "Adoniran Barbosa", impulsiona sua carreira quando vence o concurso do programa, ao interpretar Filosofia do sambista carioca Noel de Medeiros Rosa.

Essas coincidências certamente não são as únicas. Num riquíssimo trabalho de pesquisa realizado pelo Professor Dilmar dos Santos Miranda, poderemos encontrar os encontros que permeiam a vida e a obra dos dois compositores. Estas razões incrementam a celebração dos noventa anos de nascimento de dois dos maiores sambistas de todos os tempos, extremamente emblemáticos para a sociedade de onde vieram.

Encontros nas obras dos compositores; encontros nos propósitos do projeto apresentado. São essas razões que permitem ao Ministério da Cultura, através da Secretaria da Música e Artes Cênicas, selar mais essa parceria com o SESC de São Paulo, que desempenha trabalho significativo em prol da recuperação da memória cultural, e com o Instituto Pensarte, para a realização desse projeto.

JOATAN VILELA BERBEL
Secretário da Música e Artes Cênicas
Ministério da Cultura





RETRATOS *musicais* DO BRASIL

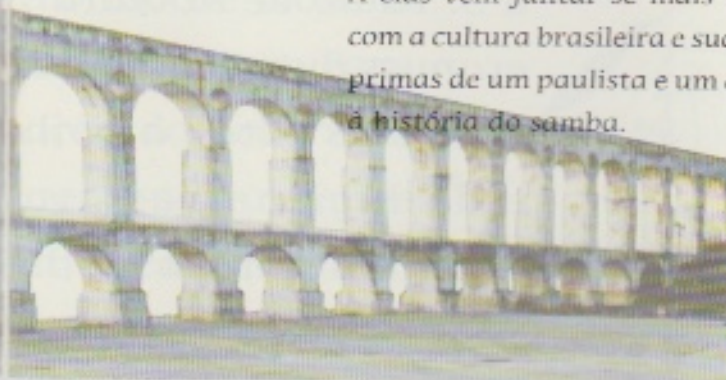
As obras de Adoniran Barbosa e Noel Rosa permanecem, ainda hoje, como das mais representativas do moderno samba urbano que encontrou, nas ruas do Rio de Janeiro e de São Paulo, fonte de inspiração para a poesia de uma época.

As transformações vividas nas duas cidades, no decorrer do século XX, especialmente no tocante às condições de vida e sobrevivência de uma população em crescente adensamento, à urbanização, ao trabalho, bem como à boemia e ao amor deram origem a canções marcadas por um senso agudo de observação do cotidiano, aliado à extrema sensibilidade.

Nesse contexto, a linguagem configura-se como dado relevante do vínculo dos artistas com a realidade que os circunda, permitindo que a geografia do Bexiga e da Vila Isabel, bem como seus personagens, conquistassem musicalidade e expressão pública.

O SESC de São Paulo percebe a música como um dos mais fortes pontos de sua programação. No âmbito da apreciação musical, destacam-se espetáculos de formatos e gêneros os mais variados, relacionados à música erudita e popular, brasileira e internacional, que contam com a presença tanto de artistas renomados, quanto de talentos potenciais. No que se refere à aprendizagem musical, cursos, oficinas e workshops, entre outras atividades, proporcionam o contato do público com essa linguagem artística.

Essas razões, por si sós, já seriam suficientes para que se realizasse o projeto **180 Anos de Samba Cantando Adoniran e Noel**. A elas vem juntar-se mais uma: o comprometimento do SESC-SP com a cultura brasileira e sua memória. Daí, essa imersão nas obras-primas de um paulista e um carioca, ambos definitivamente ligados à história do samba.



DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor do Departamento
Regional do SESC de São Paulo



Se o senhor num tá lembrado
Dá licença de contar.
É que onde agora está
Esse edifício arto
Era uma casa véia
Um palacete assobradado
Foi aqui, seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mas um dia, nós nem pode se lembrar
Veio os homes com as ferramenta:
O dono mandou derrubar
Peguemos todas as nossas coisa
E fumos pro meio da rua
Apreciá a demolição
(Saudosa Maloca)

*Um era Noel Rosa.
Outro, Adoniran Barbosa.
Mas poderia ser
Noel Barbosa
e Adoniran Rosa.*

conta ADONIRAN

DILMAR MIRANDA

Muitos fatos os ligam ao ano de 1910, quando nasceu Adoniran em 6 de agosto; Noel em 1 de agosto dava a primeira década quando as nossas elite começaram a sair para criar no país o *grand monde* parisiense da época. Com o fim da República completando pouco mais de 100 anos a S. Paulo de Adoniran e Noel eram as duas maiores cidades das nossas elites, a civilização e da higiene passava por uma ampla moda

Um carioca, outro paulista.
Outros nomes poderiam ter.
Como, de fato,
Adoniran era João Rubinato.

Adoniran E NOEL

em, a começar pelo
scem: Adoniran em
de dezembro. Fin-
da do novo século,
lutam obstinada-
s um modo de vida
peu, sobretudo no
e, a chamada **belle**
-escravidão negra
mais de 20 anos,
e o Rio de Noel já
dades do país. Para
zação do progresso
necessariamente
rnização do país.

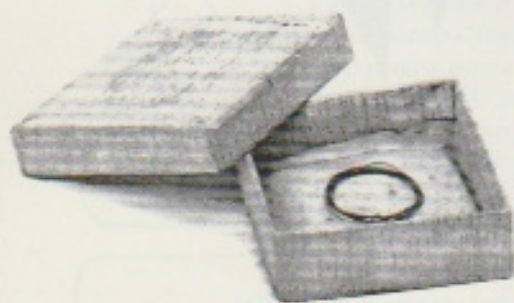


ILUSTRAÇÕES: LOREDANO

Quem nasce lá na Vila
Nem sequer vacila
Ao abraçar o samba
Que faz dançar
Os galhos do arvoredo
E faz a Lua nascer mais cedo.
O Sol da Vila é triste,
Samba não assiste
Porque a gente implora:
Sol, pelo amor de Deus,
Não venha agora
Que as morenas vão logo embora.
(Feitiço da Vila)



*Noel e seu famoso auto-retrato.
Adoniran presenteando a namorada
(e eterna companheira) com uma
aliança feita com corda de cavaquinho.*



*"Com a corda mi do meu cavaquinho
fiz uma aliança pra ela, prova de carinho"*

Daí S. Paulo e Rio receberem atenção especial, através de uma intervenção de grande porte, cujos projetos de higienização e saneamento com seus planos de embelezamento, a abertura de largas avenidas e grandes jardins, a construção de edifícios, coretos, cafés, monumentos, obedeciam aos padrões europeus, sobretudo à estética **art nouveau**. São Paulo, a capital do café, rasga largas avenidas e ruas, adota o bonde elétrico como meio de transporte, urbaniza sua região central, constrói o Teatro Municipal. Higienópolis torna-se o bairro da elite que se protege das febres que dizimam a população pobre. Na outra ponta da sociedade paulistana, o bairro do Bexiga adota o nome popular da varíola, gravíssima doença que atacava e estigmatizava sobretudo os setores mais excluídos da população. A capital paulistana já apresentava visivelmente a presença de vários grupos imigrantes, sobressaindo os italianos, mão de obra importada para substituir o braço cativo que durante séculos sustentara nossa economia agro-exportadora.

Rio de Janeiro, a capital da República, ainda sofrendo, aos olhos das elites, da "morrinha colonial", necessita ser urgentemente "regenerada" para tornar-se digna da civilização e do progresso. Assim, o termo regeneração (operação bota-abaixo no jargão popular), designa a sanha modernizante da belle époque tropical. Sua área central sofre uma intervenção inédita, com a modernização do cais do porto, a abertura de grandes artérias como a Av. Central, a construção de praças e jardins, a edificação de imponentes prédios como o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional e a Academia Nacional de Belas Artes, além de vários outros, em toda a extensão da Av. Central (atual Rio Branco), para diversos usos. A presença de um povo "rude", pele "escura", atrapalhava os planos de modernização do país, desejada pelas elites. Busca-se assim anular, ou pelo menos, mitigar a presença física da população negra, bem como de sua cultura.

Vão empenho. No curso do século XIX, levadas e levadas de escravos, libertos e descendentes de africanos, afluíram ao Rio, tornando-o uma cidade marcadamente negra. Assim, sua cultura musical irá marcar definitivamente a vida cultural do Rio e do país inteiro, principalmente através de sua música e ritmos como o maxixe e o samba. Entre 1916/1917, na casa da legendária Tia Ciata, coração da **Pequena África**, próxima ao centro do Rio, para onde se refugia parcela do povo expulso pela operação bota-abaixo, surge o polêmico **Pelo Telefone**, samba amaxixado atribuído a Donga, inaugurando o esforço de profissionalização do artista popular. Em fins da década de 20 surge uma nova geração de sambistas liderada por Ismael Silva, responsável pela criação do moderno samba desgarrado de suas origens amaxixadas.

Tais fatos preparam o advento de Adoniran e Noel, pois, com toda a certeza, o grande encontro dos dois grandes compositores irá se dar na arte que ambos escolhem para cantar sua época e suas cidades, seus lugares preferidos e tipos populares, e falar de si próprios: o samba, o moderno samba urbano. Agora, de síncope mais leve, ele se presta para os meneios maliciosos da festa popular, como o carnaval, bem como narrar de modo mais faceiro, às vezes sarcástico e debochado, o cotidiano das pessoas, seus amores e frustrações, a boemia e a malandragem. A vida profissional de ambos começa justamente num momento importante da vida nacional quando o país assiste ao fim da república **Café com Leite** das velhas oligarquias, e ao começo de um novo modelo de sociedade urbano-industrial. Os dois são contemporâneos da idéia de progresso, obsessão dos governantes e inspiração para a inventividade de ambos. Esse é o horizonte que emoldura as novas ações do artista po-



“Os Demônios da Garoa”, conjunto que melhor interpretou a natureza das composições de Adoniran.



*“Rubinato, Rubinato”:
A culpa só pode ser
desse nome
macarrônico,
João Rubinato.
(Adoniran)*



Aracy de Almeida e Marília Batista, as Intérpretes preferidas de Noel e que melhor divulgaram sua obra



pular profissionalizado e o contexto donde aflora a arte de ambos: o samba malandro, produto urbano dessa nova realidade que individualiza artistas e as suas criações.

Noel começa a compor em 1929, emplacando logo um sucesso: o samba **Com que Roupa**. Adoniran em 1933, quando o destino marca outro grande encontro entre os dois. Por várias vezes, o novato João Rubinato tenta a carreira de cantor, se apresentando no famoso Programa de Calouros de Paraguaçu, na rádio Cruzeiro do Sul. Sua primeira tentativa e insucesso se dá com o grande sucesso do carnaval de 1931, **Se você Jurar** de Ismael Silva e Nilton Bastos, sambistas do Estácio, responsáveis por liberar o samba da herança do maxixe. Queixando-se a seu grande amigo de boemia, Adoniran Alves, o próprio Rubinato, cuja voz era apreciada por alguns amigos (dizia-se que se inspirava no seu ídolo, o carioca Luís **Barbosa**, aquele do chapéu de palha percussivo e inventor do samba de breque), atribui ao nome de origem italiana, a causa do seu insucesso.



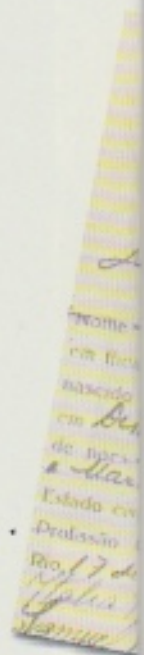
No final do mesmo ano de 1933, a carreira do paulista João Rubinato começa a deslanchar quando vence o programa de Paraguaçu, interpretando Filosofia do carioca Noel Rosa, com o nome artístico composto pelo nome do amigo boêmio e do ídolo carioca. Nesse momento nasce Adoniran Barbosa.

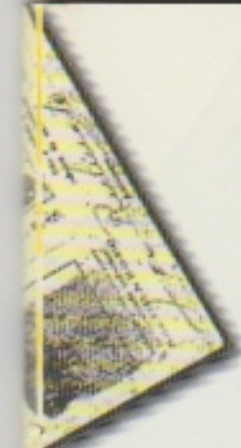
Identificados na arte do samba, suas vidas e carreiras, no entanto, terão trajetórias distintas. Como é sabido, Noel produz intensamente (cerca de 230 canções), e morre precocemente, antes de completar 27 anos, em 1937. Filho de uma família classe média carioca, de Vila Isabel, e boêmio em tempo integral, Noel teve como profissão "apenas", o ofício de compor e cantar, tendo inclusive participado do **Bando dos Tangarás**, com Almirante, João de Barro (Braguinha) e Henrique Brito. Aliás, Noel, juntamente com os Tangarás, participa em 1929 de um fato histórico inaugural da nossa MPB: a gravação de instrumentos como o surdo, o reco-reco, o tamborim, o pandeiro e a cuíca, integrando, em grande estilo, a gravação do samba **Na Pavuna**, primeiro registro em disco do som da percussão afro. A gravação do **Bando dos Tangarás**, todos brancos, é acompanhada por um grupo de ritmistas, todos negros, moradores do morro do Salgueiro.

Por injunção paterna, Noel cursou até o 3º ano de medicina, o que propiciou o "samba anatômico" **Coração**. De sua curta e intensa existência, ficou famosa a polêmica com o sambista Wilson Batista, iniciada ironicamente pelo elogio que este faz à malandragem, merecendo de Noel, a resposta do samba **Rapaz Folgado**, além dos belíssimos **Feitiço da Vila** e **Palpite Infeliz**. Como ninguém, Noel soube cantar e ironizar tipos, usos e costumes de um Rio que se transformava e se modernizava.

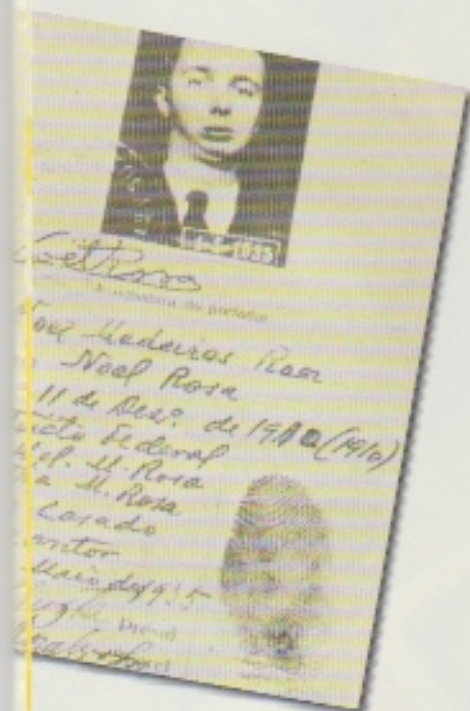
Tudo aquilo que o malandro pronuncia, com voz macia, é brasileiro, já passou de português. (Noel)

O "apenas" apostado à breve carreira de Noel tem em contrapartida, a vida profissional de Adoniran. Se sua produção musical é menor (cerca de 130 músicas), sua vida mais extensa (morre em novembro de 1982), está prenhe de ocupações e ofícios. Filho de uma família de imigrantes venezianos, começa a trabalhar ainda adolescente como garçom, em Santo André, no casarão de Pandiá Calógeras, único civil ministro da Guerra. Pintor de paredes, mecânico, encanador, tecelão, conferente de mercadorias, mascate, fez de tudo um pouco, e no samba, fez tudo. Até emplacar seu primeiro sucesso, só em 1954 (sua 1ª canção **Minha vida me consome** é de 1933), com o relançamento de





*Na identidade dos dois,
aflore a identidade
de nossa melhor
arte musical: o samba*



Saudosa Maloca, pelos **Demônios da Garoa** (outro sucesso será o **Samba do Arnesto**), Adoniran tenta outros caminhos no meio radiofônico, como discotecário e radioator, brilhando durante muito tempo, no programa **Histórias da Maloca**, juntamente com seu parceiro Oswaldo Molles. Aliás, sua vida profissional, a partir de um certo momento, se entretete com a própria vida do recém-inaugurado rádio brasileiro, veículo que passa a jogar papel decisivo na vida nacional, sobretudo na divulgação da nossa música popular, naquilo que ficou conhecido como a **Época de Ouro da MPB**. A carreira de radioator lhe oferece uma ocasião excepcional para criar tipos populares, alguns com, certeza. Uma espécie de alter ego dele próprio e que irão acompanhá-los vida afora. Em 1953, participa com uma "atuação brilhante", como ator co-adjuvante, do filme **O Cangaceiro** de Lima Barreto, que obtém, pela primeira vez, para o cinema brasileiro, a palma de ouro do Festival de Cannes.

Alguém já disse: se algo acontece uma só vez, é acaso; se duas, é coincidência; se três, é destino. Pois bem, o destino urde novamente o encontro de Adoniran com o Rio de Janeiro de Noel, quando o paulista conquista o Brasil com o seu **Trem das Onze**, composto em 1964, vencendo no ano seguinte o concurso de músicas do Carnaval do IV Centenário carioca. Mas, para além de nossa vã filosofia, Noel e Adoniran estão também unidos por um parceiro comum: Hervê Cordovil. Com ele, Noel compõe **Triste Cuíca** e Adoniran **Prova de Carinho**. Diz-se que a poética das canções de Noel é quase sempre um amar debochado ou gaiato, como o do **Pierrô** e do **Gago Apaixonado**. Se for verdade, poderíamos ver afinidades no amor sarcástico e trágico de Adoniran, como o do **Tiro ao Álvaro**, **Iracema**, **Já fui uma Brasa**.

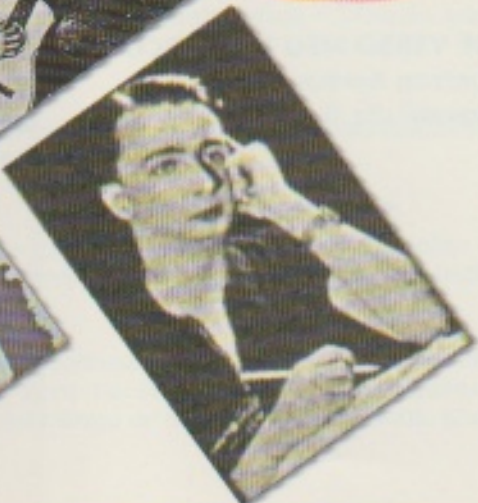
*Se os dois se encontram na identidade de uma poética sarcástica ou gaiata, existe por outro lado, uma identidade no insólito em suas obras, que os distingue em canções de puro lirismo como a belíssima letra de **Queixumes para a melodia de Henrique Brito**, e a melodia de **Bom dia**, **Tristeza** que se integra num todo de rara beleza com a letra de **Vinicius de Moraes**.*

Outro elo de identidade na poética e sensibilidade dos dois: Noel e Adoniran souberam cantar como ninguém, suas cidades Rio e S. Paulo e seus lugares amados. Noel nomeia diretamente esses lugares, como a Vila Isabel, a Penha e a Lapa. Adoniran canta os lugares paulistanos como o Bixiga, a Barra Funda, o Brás, Vila Esperança, Jaçanã, através dos tipos urbanos que constrói, como Arnesto, Mato Grosso, Joca, Charutinho, Pafunça, Iracema, Malvina, Gerarda e tantos outros e outras. Como ninguém, Adoniran soube cantar, de forma irônica e/ou ingênua, o drama de um povo que sofre com o crescimento desordenado de uma S. Paulo que faz crescer, todos os dias, a fileira dos sem teto.

Estas são as razões que justificam fortemente a celebração do nascimento de dois dos maiores sambistas de todos os tempos. Mais do que uma simples coincidência de datas, os dois, irmanados num destino comum, podem ser representados, em nossa fantasia, por um lugar imaginário de boemia que frequentavam, em cidades e momentos distintos, fundido num mesmo espaço-cenário: a Lapa de Noel e o Bexiga de Adoniran.

Em 180 Anos de Samba
*participam artistas paulistas
e cariocas: dois grupos vocais,
Vésper e MPB4 e dois cantores,
Roberto Silva e Luiz Tatit.
Formações e estilos diferentes
identificados numa mesma intenção.
Celebrar nossa arte maior
- o samba, e dois de
seus maiores inventores
Noel Rosa e
Adoniran Barbosa.*





180
anos de
samba
cantando
Adoniran & Noel

programa

1 **FILOSOFIA**

Noel Rosa / André Filho
Intérprete Vésper
Arranjos Edmilson Capelupi
Mônica Thiele

2 **AS MARIPOSA / LUZ DA LIGHT**

Adoniran Barbosa
Intérpretes Vésper / Luiz Tatit
Ilka Cintra
Arranjos Nailor Proveta / Mônica Thiele

3 **IRACEMA**

Adoniran Barbosa
Intérprete Luiz Tatit
Arranjo Paulo Bellinati

4 **FELICIDADE**

Noel Rosa / René Bittencourt
Intérprete Luiz Tatit

5 **VIDE VERSO MEU ENDEREÇO**

Adoniran Barbosa
Intérprete Luiz Tatit

6 **SAUDOSA MALOCA**

Adoniran Barbosa
Intérprete Mônica Thiele
Arranjo Paulo Bellinati

7 **ABRIGO DE VAGABUNDOS**

Adoniran Barbosa
Intérprete MPB-4
Arranjos Paulo Bellinati
Magro Waghabi

8 **COM QUE ROUPA**

Noel Rosa
Intérprete MPB-4
Arranjos Maurício Maestro
Maurício Carrilho

9 **GAGO APAIXONADO**

Noel Rosa
Intérprete MPB-4
Arranjo Magro Waghabi

10 **A RAZÃO DÁ-SE A QUEM TEM**

Noel Rosa
Intérpretes Vésper / MPB-4
Arranjos Edmilson Capelupi
Mônica Thiele

11 **FEITIÇO DA VILA**

Noel Rosa / Vadico
Intérprete Vésper
Arranjos Edmilson Capelupi
Mônica Thiele

12 **PALPITE INFELIZ**

Noel Rosa
Intérprete Roberto Silva
Arranjo Maurício Carrilho

13 **DAMA DO CABARÉ**

Noel Rosa
Intérprete Roberto Silva
Arranjo Maurício Carrilho

14 **VÉSPERA DE NATAL**

Adoniran Barbosa
Intérprete Nenê Cintra
Arranjo Paulo Bellinati

15**PROVA DE CARINHO**

Adoniran Barbosa / Hervê Cordovil

Intérprete Mazé Cintra**Arranjo** Paulo Bellinati**19****SAMBA DO ARNESTO**

Adoniran Barbosa / Alocin

Intérpretes Vésper / MPB-4**Arranjos** Edmilson Capelupi

Mônica Thiele

16**APAGA O FOGO, MANÉ**

Adoniran Barbosa

Intérprete Vésper**Arranjo** Mônica Thiele**20****TARZAN**

Noel Rosa / Vadico

Intérpretes Vésper / MPB-4**Arranjos** Paulo Bellinati

Magro Waghabi

17**BOM DIA TRISTEZA**

Adoniran Barbosa / Vinícius de Moraes

Intérprete Juçara Marçal**Arranjo** Paulo Bellinati**21****FITA AMARELA**

Noel Rosa

Intérprete Todos**Arranjos** Edmilson Capelupi

Mônica Thiele

18**QUANDO O SAMBA ACABOU**

Noel Rosa

Intérprete MPB-4**Arranjos** Paulo Bellinati / Magro Waghabi**22****TORRESMO À MILANESA**

Adoniran Barbosa / Carlinhos Vergueiro

Intérprete Todos**Arranjo** Nailor Proveta

Concepção do projeto: Mônica Thiele/**Pesquisa:** Dilmar Miranda/**Pesquisa e seleção de repertório:** Mônica Thiele/**Roteiro:** Mônica Thiele/**Texto e Apresentação:** Dilmar Miranda/**Direção Musical:** Paulo Bellinati/**Direção Cênica:** Déborah Serretiello/**Produção Musical:** Mônica Thiele.

Intérpretes

Vésper Vocal (Ilka Cintra, Juçara Marçal, Mazé Cintra, Mônica Thiele, Nenê Cintra) **Direção Musical:** Mônica Thiele • **MPB-4** (Aquiles, Magro, Miltinho, Ruy) • **Direção Musical:** Magro Waghabi • **Roberto Silva** • **Luiz Tatit**

Arranjadores

Edmilson Capelupi, Magro Waghabi, Maurício Carrilho, Mônica Thiele, Nailor Proveta, Paulo Bellinati

Músicos

Adriana Holtz (cello) • Benjamim Taubkin (piano) • Edmilson Capelupi (violão de 7 cordas e cavaquinho) • Guello (percussão) • Nailor Proveta (clarinete e saxofone) • Osvaldinho da Cuíca (percussão) • Paulo Bellinati (violão)

Produção Executiva / Show e CD: Vila Rica Arteprodução: Roger Effori, Alessandra Effori, Gabriela Schwab e Vanessa Müller/**Camareiras:** Vera Lúcia Ferreira e Jô Bernardina de Sena/**Sonorização:** Tukasom/**Assessoria Jurídica:** Ana Carmo de Azevedo, Fábio Cesnik, Rodrigo Salinas.

180
anos de
samba
cantando
Adoniran & Noel

intérpretes
intérpretes
intérpretes
intérpretes
intérpretes
intérpretes





MPB4

Destaque do Livro de Recordes do Guinness, Miltoninho, Aquiles, Ruy e Magro estão juntos desde os tempos de universidade, nos idos dos anos 60, constituindo-se no grupo vocal mais antigo ainda em plena atividade. Logo quando surge, o MPB4 cai no gosto do público, com uma sonoridade única, cuja sofisticação dos **Arranjos** vocais servia de suporte estético, ora para a passionalidade do canto, ora para o humor de suas performances.

Como diz o crítico Mauro Dias: o som do grupo era um som novo, urbano, pós-bossa nova, com a alegria do samba, com a dolência do choro, o brilho do frevo, a ternura da canção, a garra da denúncia, a contundência da crítica.

Na virada da década de 70 grava um disco que se torna clássico, cantando alguns dos maiores mestres da MPB, o Antologia, como Ataulfo Alves, Chico Buarque, Dorival Caymmi, Ary Barroso, Ismael Silva, Mansueto, Noel Rosa, Tom Jobim, Paulinho da Viola, Baden Powell e Nelson Cavaquinho.

Sua versão de Roda Viva de Chico Buarque é inesquecível, autor com quem trabalharam tão intensamente que parecia haver um quinto membro do grupo. Com mais de 30 discos gravados, o MPB4 já se apresentou em Portugal, Itália, Cuba e na América do Sul. Recentemente estiveram nos EEUU, participando do festival Florida Brasil, com grande sucesso. Em seu mais recente cd, MPB4 e a Nova Música Brasileira, o grupo interpreta sucessos de novos compositores como Lenine, Dudu Nobre, Marisa Monte, Samuel Rosa (Skank), Chico César, Zélia Duncan, Paulinho Moska, dentre outros.



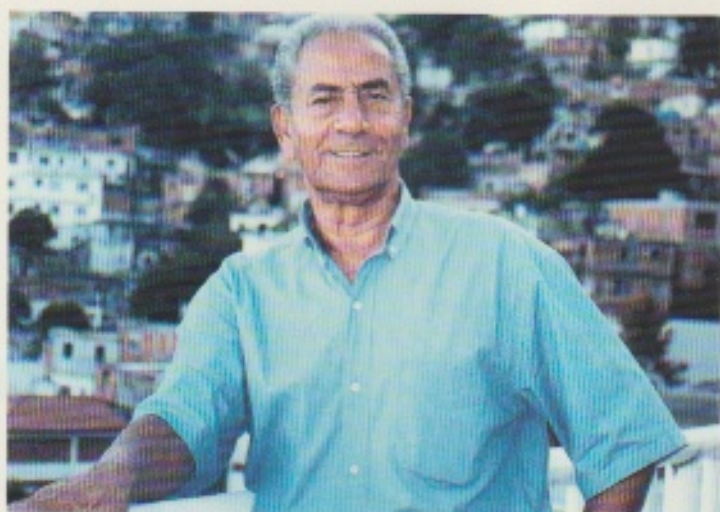
VÉSPER

Em 1991, as irmãs cantoras Ilka, Nenê e Mazé Cintra, mais Juçara Marçal e Mônica Thiele, se encontram para realizar um bellissimo projeto: celebrar nossa cantora maior, Elis Regina. Surgia então o espetáculo **Flor d'Elis** e o grupo vocal feminino Vésper. Show totalmente a capella, com **Arranjos** feitos especialmente para o grupo, entre 1992/94, Flor d'Elis corre vários teatros da capital paulistana, o interior

do estado (Botucatu e S. José dos Campos), chegando até ao Jazzmania do Rio de Janeiro, com a participação especial de Roberto Menescal.

Desde sua formação, o Vésper vem participando de espetáculos, ao lado de nomes como Renato Braz, Renato Teixeira, Eliete Negreiros, Mônica Salmaso, Johnny Alf, Nelson Ayres, Noite Ilustrada. Em 1994, o Vésper integra o elenco da peça **Hagoromo, o manto de plumas**, transcrição de Haroldo de Campos do texto homônimo do teatro Nô, cuja trilha musical foi cantada inteiramente pelo grupo.

Em 1996, o Vésper grava seu primeiro cd, com o repertório do espetáculo dedicado a Elis - o show Flor d'Elis. Na mesma época, estréia no Centro Cultural S. Paulo. **Mulheres do Brasil**, com repertório de compositoras brasileiras. Em 1999, o Vésper tem participação destacada no espetáculo Café com Leite, dirigido pelo maestro Gil Jardim, realizado no SESC-Pompéia, ao lado de Túlio Mourão, César Camargo Mariano, grupo Uakti, e Beto Guedes.



LUÍZ TATIT

Luiz Tatit é um duplê de artista e acadêmico. Compositor, cantor, professor livre-docente do Departamento de Lingüística da USP e ensaísta. Luiz Tatit tem atualmente presença definitiva na vida cultural e musical da cena paulista. Ele começou sua atuação no meio musical com o grupo Rumo uma das maiores expressões da chamada "vanguarda paulista" nos anos 80, quando grava seis Lps e dois Cds, contendo 46 canções de sua autoria. Nessa mesma época, participa do disco Rumo aos Antigos, cantando várias canções de Noel Rosa.

Sua vasta produção inclui parcerias com Ná e Dante Ozzetti, José Miguel Wisnick, Fábio Tagliaferri, tendo sido gravado por Intérpretes como Ney Matogrosso, Titane e Daúde. Preocupado com o desenvolvimento da sensibilidade musical das crianças, Luiz Tatit tem criado canções para o público infantil, participando dos projetos temáticos desenvolvidos pelo selo Palavra Cantada. Em 1998, lançou o cd Felicidade, e ao final do ano 2000, o cd O Meio.

Como ensaísta, busca aliar seu ofício de professor e artista, com a autoria das seguintes obras: *A Canção: eficácia e encanto* (1986, Editora Atua), *Semiótica da canção: melodia e letra* (1994, Ed. Escuta), *O Cancionista: composição de canções no Brasil* (1996, EDUSP), *Musicando a semiótica: ensaios* (1997, Ed. Annablume), e, no prelo, *Análise semiótica através das letras, a sair pela Ateliê Editorial*.

Em 2000, Luiz Tatit foi parceiro de Dante Ozzetti em todas as canções que participaram do 3º Prêmio Visa de MPB – versão composição, com as quais ganharam o 1º lugar. Assinou também a letra da canção Show de Tagliaferri, cantada por Ná Ozzetti, vencedora do prêmio Melhor Intérprete do Festival da Globo de MPB.



músicos
músicos
músicos
músicos
músicos
músicos
músicos
músicos
músicos
músicos





Adriana Holtz

A violoncelista Adriana Holtz é natural de Sorocaba. Iniciou seus estudos de cello em 1987, no SESC Vila Nova (atual Consolação). Estudou no conservatório Dr. Carlos de Campos de Tatuí. Participou de vários festivais de música, a exemplo de Londrina, Curitiba, Campos do Jordão e Tatuí. É formada pelo curso de licenciatura em música pela Escola de Comunicação e Artes da USP.

Foi 1º violoncelo da Orquestra Experimental de Repertório entre 1994/97. Integrou a Orquestra Jazz Sinfônica de S. Paulo, a Camerata Fukuda, o grupo Cello em Sampa e a Orquestra Villa-Lobos. Foi professora da ULM (Universidade Livre de Música Tom Jobim) e do Conservatório Musical Villa-Lobos de Osasco onde se formou como pianista. Adriana atualmente integra a OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de S. Paulo).



Benjamim Taubkin

Compositor, arranjador, pianista e produtor cultural, Benjamim inicia sua carreira, coordenando entre 1975/77, os projetos: Música no Parque, série de concertos no Bosque do Morumbi e Jardim da Luz; e Música nos Museus e Sessão Coruja, série de música instrumental no Teatro Municipal de S. Paulo. Pianista dos mais requisitados, tem atuado em diferentes áreas: teatro, dança, concertos e shows. Já se apresentou com o cantor indiano Madup Mudgal, Paulo Moura, Banda Savana, Orquestra Sinfônica do Recife, Moacir Santos, Arismar do Espírito Santo, Marlui Miranda, Zizi Possi, Mônica Salmaso, dentre tantos.

Dos vários discos gravados, destacam-se Sax sob as Árvores, Um Piano ao cair da tarde, Banda Savana, Valsa Brasileira com Zizi Possi (prêmio Sharp de melhor disco de MPB, em 1994), Paulo Moura e Toninho Carrasqueira, tocando Pixinguinha e Patápio Silva. Em 1997, lançou seu cd A Terra e o Espaço Aberto, com a participação de Marcos Suzano, Toninho Carrasqueira e Lui Coimbra.

Com o projeto Memória Brasileira, ao lado da irmã Myriam Taubkin e Guilherme Vergueiro, realizou a série Violões, Arranjadores, primeiramente como espetáculos, depois como cds, acrescentando depois Viva Garoto, com gravações inéditas do violonista Garoto. Em 1997, criou, com Teço Cardoso, Mane Silveira e Toninho Ferragutti, a produtora e gravadora Núcleo Contemporâneo, responsável pelo lançamento de vários cds de artistas brasileiros. Atualmente integra a Orquestra Popular de Câmara.



Edmilson Capelupi

Violonista formado nas rodas de choro paulistanas, especializou-se no violão 7 cordas, procurando sempre uma sonoridade que une o erudito e o popular, numa linguagem que o singulariza em trabalho solo, voltado para composições e **Arranjos** da arte do violão brasileiro.

Ampliando mais e mais suas atuações nas mais diferentes áreas, vem trabalhando no mercado publicitário, desenvolvendo trabalhos como músico e arranjador em trilhas para rádio e tv. Em shows, acompanhou Paulinho da Viola, Alaíde Costa, Dona Ivone Lara, Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, Nana Caymmi, Elba Ramalho, Altamiro Carrilho, Zezé Gonzaga, dentre tantos artistas nacionais. Em discos, participou de trabalhos de grandes nomes da MPB, como Ivan Lins, Beth Carvalho, Jair Rodrigues, Zizi Possi, Jane Duboc, Dominginhos, Monarco e Nelson Sargento.

Participou do espetáculo Café com Leite, no SESC Pompéia, em 1999.



Guello

O percussionista Guello é hoje presença quase obrigatória nos mais significativos eventos musicais onde a percussão brasileira exerce papel de qualidade. Tem atuado ao lado de artistas como Zizi Possi, Paulo Moura, Joyce, Antônio Nóbrega, Mônica Salmaso, Marco Pereira, para citar apenas alguns. No início dos anos 80, fundou o Grupo Livre de Percussão, importante conjunto da época. Participa depois de duas outras formações: grupo Sossega Leão e banda Mexe com Tudo, tendo feito várias turnês pelo Brasil e Europa. Do Trabalho durante 10 anos com bailarinos do Ballet Stagium, Renné Gumiel, Joyce Ballet e outros.

Na música instrumental, trabalhou nos anos 90, ao lado de Paulo Bellinati, Marco Pereira, Nana Vasconcelos, Naylor "Proveta", Toninho Carrasqueira, Oswaldinho do Acordeon, Arismar do Espírito Santo, Benjamim Taubkin, trio Bonsai.. Gravou para o cd Valsa Brasileira de Zizi Possi, prêmio Sharp de melhor disco de 1994. Continuou o trabalho com Zizi, gravando mais três cds e excursionando pela Europa, EEUU e Brasil. Guello foi o percussionista do projeto Café com Leite. Atualmente toca na Orquestra Popular de Câmara, Trio Bonsai, e mais recentemente passou a integrar a Banda Mantiqueira.



Naylor "Proveta" Azevedo

Toda vez que um maestro, cantor ou músico em geral necessita de um sax para garantir o brilho e qualidade de um concerto de MPB, o nome de Proveta é um dos que logo vêm à tona. Naylor Proveta possui formação erudita. Já atuou com músicos das mais variadas procedências, escolas e estilos, como Laércio de Freitas, Arismar, Carrasqueira, Guinga, Simone, Leandro Braga, Nelson Ayres, Mauricio Carrilho, Martinho da Vila, Elza Soares, Paquito D'Rivera, Benny Carter, Albert Collins, Natalie Cole, Joe Williams, Ray Connif, dentre tantos artistas nacionais e estrangeiros.

Liderou a banda Aquarius, em 1988. Em 1991, criou a big band Banda Mantiqueira, dirigindo-a até hoje. Com a Mantiqueira tem participado de vários shows nacionais e internacionais: Free Jazz Festival do Rio e S. Paulo, Jazz Festival de Tóquio em 1996 e Expo 98 de Lisboa.

Já gravou dois cds com a banda: Aldeia, título de uma de suas composições, e Bixiga, lançado em 2000.

Proveta teve papel destacado no espetáculo Café com Leite, como solista.



Oswaldinho da Cuíca

Passista, ritmista, cantor e compositor, Oswaldinho é a própria encarnação do samba paulista. Em sua extensa carreira, tocou com grandes nomes da nossa música popular, alguns deles, personagens lendárias da MPB, como Ismael Silva, Nelson Cavaquinho, Cartola, Vinicius de Moraes, Clementina de Jesus e Geraldo Filme.

Participante do grupo Demônios da Garoa, entre 1967 e 1999, tendo inclusive atuado junto com Adoniran Barbosa, Oswaldinho da Cuíca é nome indispensável neste espetáculo, dedicado a esses dois maiores nomes do samba brasileiro: Noel e Adoniran. Outros nomes famosos compõem a galeria de artistas populares, com quem

Oswaldinho atuou como Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Germano Mathias, D. Ivone Lara, Toquinho, Paulinho da Viola, Eduardo Gudim, dentre tantos.

Gravou os seguintes discos-solo: Oswaldinho da Cuíca e Grupo Vai-Vai (1974); Velhos amigos (1883); Preto no Branco (1984). Em 1999, participou do cd A História do Samba Paulista, lançado na choperia do SESC-Pompéia e no Teatro Denoy de Oliveira, em S. Paulo.

equipe técnica



Mônica Thiele

A paulista Mônica Thiele tem hoje papel destacado no mundo da música vocal, como **Intérprete**, arranjadora e diretora musical. Mônica iniciou sua vida musical aos 4 anos, nos estudos de piano. A paixão pela música vocal logo se manifestou ao participar, já do primeiro ensaio, de um coral na escola em que estudava, em 1977.

Desde então não parou mais de cantar em grupo. O interesse pela linguagem e segredos da música levou-a a mergulhar fundo nos estudos de teoria, harmonia, contraponto, história da música, atividades sempre articuladas aos estudos do canto. Atuou sempre em duas áreas consideradas distintas: a música popular e a música erudita. Desde 1992, é diretora musical, arranjadora e cantora do **Vêspers**, grupo vocal que tem dado toda a primazia à música popular brasileira, em cujas performances destaca-se o canto feminino a capella. Integrando dois coros da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, Mônica desenvolve também um trabalho de regência, além de se dedicar aos **Arranjos** para grupos variados, entre eles, o MPB-4.

Como participante do espetáculo **Café com Leite**, integrando o grupo **Vêspers**, Mônica destacou-se nos **Arranjos** vocais da apresentação do grupo, na noite de encerramento do projeto, contando com a participação especial de César Camargo Mariano, Beto Guedes, Paulo Bellinati, Túlio Mourão, todos sob o comando sensível e brilhante do maestro Gil Jardim.



Paulo Bellinati

Antonio Paulo Bellinati é hoje considerado um dos maiores nomes do violão brasileiro contemporâneo. **Bellinati** iniciou seus estudos em violão clássico no Brasil, e, com 25 anos vai estudar na Europa onde permanece até 1981, lecionando no conservatório de Lausanne e se apresentando em vários espetáculos e festivais. Sempre excursionando pela Europa, EEUU, Canadá, Ásia e América do Sul, Bellinati tem impressionado as mais distintas platéias, com o toque refinado e seguro da sua arte e maestria.

Em importantes festivais internacionais, apresentou-se com o contrabaixista norteamericano Steve Swallow e com grandes

músicos europeus como Renaud Garcia-fons, Jean-Louis Martinier, Lucilla Galeazzi e Antonio Placer.

Integro por 10 anos o grupo Pau Brasil. Trabalho ao lado de Carla Bley, Edu Lobo, Chico Buarque, João Bosco, Mônica Salmaso, Leila Pinheiro e Gal Costa, com quem ganhou o Prêmio Sharp 94, de melhor arranjador, no cd *O Sorriso do Gato de Alice*.

Em 1999, brilhou na noite de encerramento do show *Café com Leite*, tocando junto com o pianista César Camargo, seu bellissimo Jongô.



Dilmar Miranda

O sociólogo e pesquisador musical Dilmar Miranda é filho de Campos, estado do Rio, terra de Patápio Silva e Wilson Batista, e de uma família de músicos: seu pai foi um violonista seresteiro que tocou com Noel Rosa e Sílvio Caldas; com a segunda esposa de seu pai, Tita Glória, iniciou cedo sua formação musical, estudando acordeon e piano. Professor do Depto. de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará, Dilmar está prestes a defender sua tese de doutorado em sociologia da música, pelo Departamento de Sociologia da USP, sob o título *Tempo da Festa x Tempo do Trabalho: transgressão e carnavalização da belle époque tropical*, cujo tema central dedica-se ao processo de fixação de nossos principais gêneros musicais populares urbanos como o choro, o maxixe e o samba.

Dilmar tem realizado palestras, shows e oficinas, junto com o violonista Francisco Araújo, bem como a cantora e professora de canto Consiglia Latorre, sobre a história da MPB e interpretação do canto popular brasileiro.

Publicou vários artigos e ensaios sobre música e estética musical como *Carnavalização e multidimensionalidade cultural: antropofagia e tropicalismo* e *O Samba e o Passarinho*. Em 1999, foi responsável pela direção da pesquisa musical e de repertório do projeto *Café com Leite*, realizado em junho de 1999, no SESC-Pompéia, além do texto *Um olhar crítico contemporâneo de um período de nossa história republicana*, e apresentação em cena de fragmentos do mesmo texto.



Débora Serrettilo

Formada pela EAD-USP, assistente de direção de *Quixote*, com Carlos Moreno. Diretora Cenica do *Vesper* desde a sua criação e no ano 2000, atuou no espetáculo *Filhos do Brasil*, que ganhou o prêmio Shell com 2 musicas.



MINISTÉRIO DA CULTURA
SECRETARIA DE MÚSICA
E ARTES CÊNICAS

Presidente da República
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Ministro da Cultura
FRANCISCO WEFFORT

Secretário da Música e Artes Cênicas
JOATAN VILELA BERBEL

Coordenadora Geral da Música
TERESA CRISTINA ROCHA AZEVEDO DE
OLIVEIRA

Coordenadora de Projetos de Música
KEILAH DINIZ

Técnica de Projetos Especiais de Música
ANA MARIA ÂNGELA BRAVO VILLALBA

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO
DE SÃO PAULO

Presidente do Conselho Regional
ABRAM SZAJMAN

Diretor do Departamento Regional
DANILO SANTOS DE MIRANDA

Superintendente Técnico Social
JOEL NAIMAYER PADULA

Gerente de Ação Cultural
IVAN PAULO GIANNINI

Gerente do SESC Vila Mariana
OLEGÁRIO MACHADO NETO

Gerente Adjunto
PAULO RICARDO MARTIN

180 ANOS DE SAMBA
CANTANDO ADONIRAN E NOEL

Programação: Denise Lacroix Rosenkjar,
Operações: Gilberto de Almeida, **Comunicação:** Gilson Packer, **Administrativo:** Robson Aparecido da Silva, **Alimentação:** Maria Fabiana Ferro Guerra, **Centro de Música:** Ana Paula Malteze Mancebo e equipe, **Núcleo de Apresentações Artísticas:** Mônica Canieto e equipe, **Apoio de Produção:** Adilson de Abreu, Fábio Yuji Hayashi, Suzanne Lúcia Stephan, Thaís Helena de Queiroz e equipes

Projeto Gráfico: Eron Silva
Editoração de Arte: Cristina Miras, Cristina Tobias, Marilu Donadelli, Euripedis Silva, Lourdes Teixeira.

agosto/2001

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO
Av. Paulista, 119 - tel. 3179-3400 CEP 01311-903 - fax 288-6206
SESC VILA MARIANA. Rua Pelotas, 141 - CEP 04012-000 - tel. 5080-3000
fax 5539-4201 - SÃO PAULO - SP

SESC
0800-118220
www.sescsp.com.br

realização

SESC
SÃO PAULO

MINISTÉRIO
DA CULTURA



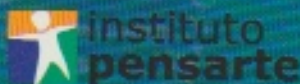
SECRETARIA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS

FUNDO
NACIONAL DE
CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio cultural



apoio

